

A CONSTRUÇÃO DO REFERENTE EM A MAÇÃ NO ESCURO

Alana Kercia Barros Demétrio¹, Maria Helenice de Araújo Costa²

Resumo

Neste artigo, tecemos considerações sobre a construção do referente em *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector. Narrada em terceira pessoa, a obra nos dá a conhecer o protagonista Martim, que, imbuído de um ambicioso projeto, passa a rejeitar a linguagem convencional, por acreditar que ela compromete a verdade das coisas, e procura reinventá-la ansiando que ela possa satisfazer sua necessidade de expressão. Pretendemos, de um lado, problematizar, a partir do caminho trilhado pelo protagonista da narrativa, as limitações impostas pelas instabilidades categoriais inerentes à linguagem humana; de outro lado, perceber as implicações do complexo processo de construção dos objetos do discurso. Assumindo uma visão não essencialista da linguagem, fazemos coro aos teóricos da referenciação e argumentamos que, como o mundo não é uma coletânea de nomes nem um repositório de entidades objetivas, não há uma relação fixa entre as formas de aludir e as coisas aludidas. Observando o drama de Martim, reiteramos a ideia de que é na interação que os falantes constroem entidades discursivas, negociando sentidos a partir de generalizações contextuais que foram se cristalizando com os usos.

Palavras-Chave: Linguagem, referenciação, interação.

Abstract

In this paper, we weave considerations about the construction of reference in "A maçã no escuro", by Clarice Lispector. This narrative, which is told in third person, lets us know the protagonist Martim, who has an ambitious

project. For believing that conventional language compromises the truth of things, Martim decides to reject it and tries to create a new one, longing that it can fulfill his need for expression. On one hand, we intended to problematize, through the path the protagonist walks in the novel, the limitations imposed by the categorical instabilities in human language; on the other hand, realize the implications of the complex process of constructing objects of discourse. Assuming a non-essentialist view of language, in agreement with referenciation studies, we argue that since the world is not a collection of names or a repository of objective entities, there is no fixed relationship between forms to allude and the things which they allude to. Looking at Martim's tragedy, we reiterate the idea that it is in interaction that speakers construct discursive entities, by negotiating meanings from contextual generalizations that have been crystallized by use.

Keywords: Language, referenciation, interaction.

INTRODUÇÃO

Em *A maçã no escuro*, Clarice Lispector cria um narrador que conta o percurso de um homem o qual, em razão de um crime que supostamente cometera, foge sem rumo definido e inicia, em sua fuga, um processo de ruptura com a automação inevitavelmente trazida pelo cotidiano. Pela visão do narrador onisciente, o leitor percebe que o atordoado Martim deixa de reconhecer-se como parte integrante do conjunto de relações sociais de que se compunha o mundo em que estava inserido e segue, aos poucos, buscando identificar-se como ser genuinamente humano.

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSILA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista da CAPES.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSILA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Esse processo de ruptura e de busca é essencialmente marcado pelas relações que o personagem estabelece com a linguagem. Incomodado com a crença de que a linguagem convencional, cristalizada, comprometeria a verdade das coisas, Martim decide rejeitá-la, pondo em prática um plano ousado de inauguração de uma linguagem nova, capaz de satisfazer sua necessidade de expressão.

Assim, o processo de construção do referente, nesta obra de Clarice, orienta-se segundo o ambicioso projeto de Martim, de *recusa das formas já atualizadas do humano, para que se instaurem, a partir dessa recusa, outras formas de humanização*. (ZORZANELLI, 2005, p. 46).

A partir do caminho percorrido pelo protagonista da narrativa, procuramos problematizar as limitações impostas pelas instabilidades categoriais inerentes à linguagem humana, percebendo as implicações do complexo processo de construção dos objetos do discurso. Para tanto, adotamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, que envolveu a leitura do romance de Clarice, aqui tratado, de alguns estudos sobre a obra e de textos que compõem a literatura mais atual sobre os fenômenos da representação na linguagem e da referencialidade.

1 A REFERENCIALIDADE - UMA NOÇÃO NÃO REPRESENTACIONISTA DA LINGUAGEM

De acordo com Apothéoz e Pekarek Doehler (2003, p. 109), *A questão da referência, entendida como a questão da relação que estabelece a linguagem com o que lhe é exterior (que se chama “representação mental”, “mundo” ou “realidade”) ocupa um lugar central na história do pensamento ocidental*. Por essa razão, é oportuno procurarmos entender como se desenvolveu, ao longo do tempo, a discussão acerca do assunto.

As reflexões em torno da relação entre as palavras e os objetos mundanos ou, nas palavras de Cardoso (2003, p. 1), entre *um dizer e um não dizer*, não são recentes. Ao contrário, as primeiras manifestações de preocupações dessa natureza se fazem presentes já na Antiguidade Clássica, quando Platão e Aristóteles, os filósofos socráticos, opõem-se à visão de mundo dos sofistas. Para Martins (2004), nessa polêmica estariam desenhadas, de modo embrionário, as vertentes básicas do pensamento filosófico a partir das quais tentamos, ainda nos dias atuais, compreender a linguagem humana e sua relação com o mundo. *As muitas maneiras com que hoje pensamos a linguagem e a questão do sentido correspondem a modos diferentes de reclamar – ou de tentar recusar – a herança mais ou menos compulsória que nos foi deixada pelos gregos* (MARTINS, 2004, p. 445).

Como explica a autora, Platão e Aristóteles apoiaram-se no mesmo paradigma filosófico de leitura da realidade, o essencialismo. De acordo com esse paradigma, há uma realidade pura, dada *a priori*, acessível por meio de um caminho lógico, único. Desse modo, a verdade seria

universal, absoluta, tangível. O pensamento dos sofistas, por outro lado, está, para a autora, ancorado no paradigma relativista. Orientando-nos por esse paradigma, temos uma realidade inacessível, manipulável, variável conforme as experiências humanas. Nesse sentido, a verdade não seria autônoma, mas teria sua validade dependente de contextos particulares e de modos de ver específicos.

Esses dois paradigmas filosóficos mencionados norteiam perspectivas linguísticas distintas. Ao tomar a realidade como uma entidade que pré-existe às práticas humanas, o essencialismo assume a linguagem como um mero instrumento de representação da realidade, orientando a perspectiva representacionista. O relativismo, por outro lado, por indicar uma visão de realidade instável, inacabada, e de verdade mutável, orienta a perspectiva anti-representacionista, atribuindo à linguagem um papel ativo na constituição mesma da realidade.

Conforme esclarecem Teixeira e Martins (2008), vistas pela perspectiva representacionista, as palavras adquirem um significado por remissão a *algum tipo de entidade fixa ulterior [...]*. *O conhecimento linguístico, para as teorias cujos fundamentos podemos associar ao representacionismo, estaria, portanto, tipicamente associado a um conjunto de associações mentais entre as expressões linguísticas e seus significados essenciais*. (TEIXEIRA; MARTINS, 2008, p. 5). A linguagem seria, assim, regida por um simples processo de codificação e decodificação estabelecido entre os interlocutores.

Dirigindo a crítica wittgensteiniana a esse modelo representacionista, Teixeira e Martins observam que a linguagem seria, nessas circunstâncias, um simples meio de comunicação de ideias, codificáveis e decodificáveis de um único modo possível, a partir de um cálculo realizado pelos interlocutores *segundo regras bem determinadas*.

Mondada e Dubois (2003), também criticando a visão representacionista da linguagem, falam de uma perspectiva utópica de uma cartografia perfeita entre as palavras e as coisas. Para as autoras, tal perspectiva, além de tomar a realidade como dada *a priori*, imputa a pretensas imperfeições das línguas naturais ou mesmo à incompletude de um sistema cognitivo imperfeito aquilo que é considerado ausência de precisão no uso da linguagem.

Teixeira e Martins (2008) ressaltam que a perspectiva anti-representacionista incorpora um questionamento central, qual seja: os usos das palavras podem, de fato, corresponder a significados essenciais? Ainda recorrendo ao pensamento wittgensteiniano, essas autoras reconhecem que há uma *resistência das palavras a revelar seu suposto significado essencial* e argumentam que tal resistência *favorece a ideia de que a linguagem talvez não tenha como função apenas a nomeação e a descrição de estados ou de coisas*. (TEIXEIRA e MARTINS, 2008, p. 8). Concluem, então, que, bem mais que um instrumento para comunicação de ideias, a linguagem constitui as

práticas humanas da mesma forma que é por elas constituída, numa multiplicidade de usos a que Wittgenstein denomina de *jogos de linguagem*.

Adotando semelhante posicionamento, Mondada e Dubois (2003) afirmam que a indicialidade da linguagem quebra a ilusão de uma descrição única e estável do mundo e, em vez de ser atribuível a uma falta de eficácia do sistema linguístico e cognitivo, permite o tratamento da variabilidade contextual por meio de uma categorização adaptativa. Por categorização, as autoras entendem um processo advindo de práticas simbólicas, em que os atores situados discretizam os objetos do mundo, constituindo entidades discursivas individual e socialmente. *O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo.* (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 20). Assumindo tal postura, as autoras propõem o deslocamento da noção de referência a de *referenciação*.

Se as entidades discursivas não mantêm com as coisas no mundo uma correspondência exata e são de fato construídas pelos sujeitos falantes, na interação, a partir de processos complexos, constituindo, portanto, categorias profundamente instáveis, como é possível que se efetive a comunicação; que haja algum entendimento entre os interlocutores?

Mondada e Dubois (2003) esclarecem que o fato de serem as descrições do mundo incompletas não significa que elas sejam caóticas ou desordenadas. Para as autoras, *os sujeitos possuem estruturas cognitivas, notadamente memoriais, que permitem dar uma estabilidade a seu mundo, assim como procedimentos sistemáticos para organizar a co-construção dos objetos de discurso.* (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 40).

Nesse sentido, as autoras explicam que as categorias, ou objetos do discurso, sofrem processos de estabilização, que se dão tanto em nível psicológico, através da prototipicidade, como em nível linguístico, com a lexicalização. A categoria prototípica seria aquela mais saliente no discurso, considerada nos processos de categorização como *a base mais disponível e compartilhável para a comunicação*.

Desse modo, apesar da maneira flexível com que a categorização evolui, *o sistema cognitivo construiria com a ajuda de protótipos as invariantes psicológicas que dariam uma estabilidade às interpretações que os homens fazem do mundo.* (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 40). As autoras acrescentam que a lexicalização proporciona a estabilização dos protótipos, transformando-os em estereótipos a partir de sua nomeação, isto é, permitindo que os sujeitos de uma comunidade linguística compartilhem os protótipos simbolicamente, por meio de *unidades discretas da língua*.

Veremos a seguir que *essa cautela que uma pessoa tem de transformar a coisa em algo comparável e então*

abordável, e, só a partir desse momento de segurança, olha e se permite ver porque felizmente já será tarde demais para não compreender — essa precaução Martim perdera. (LISPECTOR, 1998, p. 34).

2 MARTIM E SEU PROJETO DE RECRIAÇÃO DA LINGUAGEM

Movido pela pressa e pelo empenho em imediatizar o cotidiano, o homem acaba por perder a consciência individual das ações, dos objetos e das situações. (TEIXEIRA, 1998, p. 36-37). Em consequência disso, a linguagem comum sofre um esvaziamento de significado, que incomoda o personagem Martim a ponto de nele provocar a necessidade de recriar o mundo e a si mesmo, a partir de uma linguagem nova, desautomatizada.

Em seu itinerário, Martim percorre a escala evolutiva dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, *copiando no seu trabalho de se tornar concreto, uma evolução fatal cujo rasto ele sentia às apalpadelas.* (LISPECTOR, 1998, p. 94).

Primeiramente, entrando em contato com o reino inorgânico, mineral, o personagem passa pelo descampado de pedras, fazendo a elas seu confuso sermão. Em seguida, ao alcançar a fazenda de Vitória, descobre o terreno de plantas, experimentando o reino vegetal. Logo após, as vacas do curral da fazenda lhe apresentam o reino dos bichos, que os ratos do terreno já lhe haviam insinuado, levando-o a sentir a dimensão de seus instintos animais. Finalmente, Martim reinsere-se no reino dos homens ao vivenciar os prazeres humanos do amor carnal com a mulata e com Ermelinda.

Este ousado intento de reconstrução do mundo e de si mesmo, que é, para o personagem, o único modo de constituir-se plenamente enquanto ser implica, para Martim, a necessidade de reconstrução da própria linguagem: *Sua obscura tarefa seria facilitada se ele se concedesse o uso das palavras já criadas. Mas sua reconstrução tinha de começar pelas próprias palavras, pois palavras eram a voz de um homem.* (LISPECTOR, 1998, p. 131).

Como vimos com Mondada e Dubois (2003), as categorias sofrem processos de estabilização. Não há, no entanto uma correspondência exata entre as palavras e as coisas. A inadequação das categorias lexicais disponíveis leva o personagem a uma recategorização radical, motivada pela sua pretensão de exprimir mais fielmente aquilo que pretendia: *“Crime”? Não. “O grande pulo” — estas sim pareciam palavras dele, obscuras como o nó de um sonho.* (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Logo no princípio do romance, o narrador apresenta a estratégia de Martim para se desvencilhar de uma linguagem desgastada pela necessidade de imediatização do cotidiano, quando, tentando escapar, o personagem deixa o hotel do alemão, em que estava hospedado desde que fugira,

e acaba chegando a um descampado, onde, após longo recesso, experimenta outra vez a linguagem falada, dirigindo-se a um passarinho.

O isolamento tinha reduzido sua comunicação a silêncios significativos e expressivos sons primitivos: *O homem grunhiu aprovando* (LISPECTOR, 1998, p. 17); *o homem rosnou olhando para o pequeno bicho* (LISPECTOR, 1998, p. 29). É esse mesmo isolamento que faz com que sua primeira fala seja quase monossilábica e, no entanto, para ele, plena de significado, por menos sentido que ela faça a qualquer interlocutor: — *É, sim! alto e sem sentido, e parecia cada vez mais glorioso como se fosse cair morto.* (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Esse entusiasmo saboreado por Martim corresponde ao prazer que o protagonista sente ao saber que tocou alguma coisa que era exatamente a coisa pretendida. É o prazer da alusão:

Então repetiu com inesperada certeza: “é, sim!” Cada vez que dizia essas palavras estava convencido de que aludia a alguma coisa. Fez mesmo um gesto de generosidade e largueza com a mão que segurava o passarinho, e magnânimo pensou: “eles não sabem a que estou me referindo”. (LISPECTOR, 1998, p.29).

Acontece que o próprio Martim deixa escapar aquilo a que se referia. E mesmo experimentando a sensação de que a inconsistência da coisa que era objeto de sua alusão decorria exatamente da falta de organização de seus pensamentos sob uma linguagem convencional, que decidira rejeitar, o personagem sente que está exprimindo algo muito mais puro, que, justamente por não se perder nem se modificar na inconformidade das palavras, era essencialmente a substância daquilo a que ele desejava aludir:

Depois — como se pensar tivesse se reduzido a ver, e a confusão de luz tivesse tremido nele como em água — ocorreu-lhe em refração confusa que ele mesmo esquecera ao que aludia. Mas estava tão obstinadamente convencido de que se tratava de algo da maior importância, embora tão vasto que já não lhe era mais discernível, que respeitou com altivez a própria ignorância e aprovou-se feroz: “é, sim”. (LISPECTOR, 1998, p. 29-30).

Reconhecendo, então, em voz alta, o que lhe sucedia: *Perdi a linguagem dos outros* (LISPECTOR, 1998, p. 31), Martim compreende que a remodelação dos referentes era uma tarefa árdua e que sua representação na mente dos outros nunca seria a mesma que na sua.

Seu desconforto cresce ao constatar que, *mesmo dentro do poder, o que dissesse seria apenas por impossi-*

bilidade de transmitir uma outra coisa. (LISPECTOR, 1998, p. 173).

Martim percebe, então, que é na enunciação que os referentes são construídos, por meio de um processo complexo de ajustamento das palavras, em que o dito é retomado, negado, reformulado, corrigido, até o alcance de uma descrição aproximada que permita identificar esses referentes:

Assim, de aproximação pensosa em aproximação pensosa — tendo Martim nesse caminhar um sentimento de sofrimento e de conquista — ele terminou se perguntando se tudo o que ele enfim conseguira pensar, quando pensara, também não teria sido apenas por incapacidade de pensar uma outra coisa, nós que aludimos tanto como máximo de objetividade. E se sua vida toda não teria sido apenas alusão. Seria essa a nossa máxima concretização: tentar aludir ao que em silêncio sabemos? Tudo isso Martim pensou, e pensou muito. (LISPECTOR, 1998, p. 173).

Ao final do romance, *Martim já não queria o nome das coisas, bastava-lhe reconhecê-las no escuro* (SÁ, 1993, p. 108). Vendo a prisão como destino provável, apresenta seu plano de escrever a história de sua busca infrutífera: *Mas com a imaginação ele escreveria na prisão a história muito torta de um homem que teve... Teve o quê? Digamos: pena e espanto? “Sobretudo”, pensou ele, “juro que no meu livro terei a coragem de deixar inexplicado o que é inexplicável”.* (LISPECTOR, 1998, p. 317).

Para o personagem, a busca de exatidão na linguagem deixa de ser crucial: *afinal, a verdade é coisa secundária — se se quiser o símbolo.* (LISPECTOR, 1998, p. 307). Martim aceita enfim que ver o mundo nada mais pode ser que dizer o mundo: *A verdade, quando pensada, é impossível. Diabo! A verdade foi feita para existir! e não para sabermos. A nós, cabe apenas inventá-la.* (LISPECTOR, 1998, p. 309). E, desenvolvendo um raciocínio próximo ao de Górgias³, reconhece: *Oh, bem foi avisado que se explicasse ninguém entenderia, pois explicando como é que um pé segue o outro ninguém reconhece o andar.* (LISPECTOR, 1998, p. 139).

O personagem atribuiu a vaguidéz referencial das coisas e dos fenômenos do mundo a uma ineficácia do sistema linguístico: *Na linguagem não havia uma palavra sequer que desse nome ao fato de, no agigantamento de si próprio, ele ter alcançado o alto da montanha.* (LISPECTOR, 1998, p. 173). Contudo, as instabilidades categoriais são, na verdade, *advindas de competências sociais, de pontos de vista, de atividades situadas e de práticas inter-subjetivas* (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 41).

Apesar de ciente da incompletude das descrições do mundo, ao fim de seu percurso, o protagonista reconhece

³ Para o sofista Górgias, “Nada existe que possa ser conhecido; se pudesse ser conhecido não poderia ser comunicado; se pudesse ser comunicado não poderia ser compreendido” (*Do não ser* fragmento I, apud MARTINS, 2004, p.450).

como dificuldade intransponível a inauguração de uma nova linguagem e, ao moldar sua verdade à verdade alheia, sujeita-se, mais uma vez, à antiga alienação da qual quisera se libertar.

É o que acontece quando, embora sabendo que a razão concreta que o levava a cometer seu crime fora iniciar a execução de seu arrojado projeto, o homem, por incapacidade de exprimi-la, assume diante dos demais que cometera um crime passional: *Porque eu estava quase certo de que minha mulher tinha um amante* (LISPECTOR, 1998, p. 297). Confessando, desse modo, o próprio crime e reconhecendo-o, portanto, como tal, Martim reinsere-se na sociedade da qual tentara se desvencilhar no princípio, quando recusava mesmo chamar de crime o ato cometido, denominando-o *o grande pulo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo vivenciado, no interior da narrativa, por Martim, remete à inquietação do personagem por sentir-se encarcerado no próprio universo e impossibilitado de comunicar-se efetivamente com os universos alheios. Percebemos, no caminho trilhado pelo protagonista, uma tentativa desesperada de solucionar esse conflito, por meio de um esforço malogrado de reinvenção da linguagem. Todavia, como vimos com os teóricos não essencialistas, as coisas no mundo não mantêm com as formas que empregamos para aludi-las uma relação fixa assegurada por uma correspondência exata.

Ao se comunicar, os falantes vão construindo os objetos do discurso, num processo alimentado a partir de experiências individuais diferenciadas e de visões de mundo particulares. Por outro lado, por meio dessa interação, enquanto se comunicam, os interlocutores podem obter algumas pistas daquilo que se passa na mente do outro. Essas pistas são proporcionadas por generalizações conceituais que foram se cristalizando e que auxiliam os interlocutores a sintonizar atos ilocucionários e efeitos perlocucionários, numa espécie de ajustamento cognitivo, responsável por efetivar a comunicação.

A consequência de ser a comunicação pautada nesse ajuste é que, em qualquer situação comunicativa, torna-se impossível que o modo de representação dos referentes seja exatamente o mesmo na mente de diferentes interlocutores. Intuir essa consequência foi o que motivou Martim a pôr em prática seu projeto. Ter plena consciência dela o forçou a aceitá-la como condição para o uso da linguagem e, assim, atingir em si o ser humano: *Porque eu, meu filho, eu só tenho fome. E esse modo instável de pegar no escuro uma maçã — sem que ela caia*. (LISPECTOR, 1998, p. 334).

Podemos considerar a saga de Martim uma metáfora perfeita para retratar a polêmica “representacionismo versus não representacionismo”. Contada por um narrador onisciente, que descreve com detalhes as tentativas frus-

tradas do personagem de encontrar a palavra certa para nomear cada coisa com exatidão, a história o aproxima de outro personagem conhecido, Kaspar Hauser. Ambos vivem a experiência de enxergar o mundo de forma direta, por meio de um olhar *desprovido de “óculos sociais”* (BLINKSTEIN, 1983, p. 76), com a diferença de que, enquanto em Kaspar Hauser essa visão é consequência do isolamento que o impediu de construir *estereótipos perceptuais*, em Martim é fruto de um esforço de se despojar desses estereótipos; dito pela voz do narrador, *no seu trabalho de construção da realidade, havia em desfavor de Martim a novidade das coisas não serem mais óbvias* (LISPECTOR, 1998, p. 140). A viagem conceitual empreendida pelo personagem de Lispector lembra o percurso entre a visão lógica da linguagem e a chamada virada pragmática. Essa ideia parece ficar clara no trecho a seguir, que retrata uma das diversas reflexões filosóficas de Martim que o narrador nos dá a conhecer:

Mas como? de que modo ser objetivo? Porque se uma pessoa não quisesse errar — e ele não queria errar nunca mais — terminaria prudentemente se mantendo na seguinte atitude: “não há nada tão branco como o branco”, “não há nada tão cheio de água como uma coisa cheia de água”, “a coisa amarela é amarela”. O que não seria mera prudência, seria exatidão de cálculo e sóbrio rigor. Mas aonde o levaria? porque afinal não somos cientistas. O trabalho era este: ser objetivo. (LISPECTOR, 1998, p. 137).

Podemos dizer que o personagem parodia Wittgenstein, que, após tentar estabelecer um paralelo entre o mundo e a linguagem valendo-se de princípios lógicos, reconhece ser impossível levar a cabo esse intento e assume a ideia de que *Quanto mais precisamente considerarmos a linguagem real, tanto mais forte se torna o conflito entre ela e a nossa exigência* (1996, p. 70, §.107).

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D. e PEKAREK-DOEHLER, S. Novas perspectivas sobre a referência: das abordagens informacionais às abordagens interacionais. *Verbum*. Tome XXV, n.2, 2003, p.109-136.
- BLINKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 9 ed. . São Paulo: Cultrix, 1983.
- CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência*. Campinas: Editores Associados, 2003.
- LISPECTOR, C. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MONDADA, L.; DUBOIS D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES,

B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. Clássicos da linguística. V.1. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.) *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2004.

SÁ, O. de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993.

TEIXEIRA, E.N.; MARTINS, H. *Curso de Linguística Geral: Reação e Adesão a uma perspectiva representacio-*

nista. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]

TEIXEIRA, I. O Formalismo Russo. *Cult*, São Paulo, p. 36-39, ago. 1998.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução: Marcos G. Montagnoli. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ZORZANELLI, R. T. *Esboços não acabados e vacilantes: despersonalização e experiência subjetiva na obra de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2005.